

Tradução de Beethoven Alvarez (2022)

A Música do Deserto

— começa a dança: pra terminar numa forma
sustentada imóvel — na ponte
entre Juarez e El Paso — irreconhecível
na semiescuridão

Espera!

Os outros esperaram enquanto você observava,
no mesmo caminhar-se

Está viva?

— nem uma cabeça,
pernas nem braços!

Não é um saco de trapos que alguém
abandonou aqui · trôpego perto
da borda da viga de escora · ?

uma disformidade inumana,
joelhos bem apertados na barriga

Formato de ovo!

Que lugar pra dormir!
na Fronteira Internacional. Onde mais,
interjurisdicional, pra não ser perturbado?

Como dizer o que precisa ser dito?

Só o poema.

Só o poema regulado, numa medida exata:
pra imitar, não pra copiar a natureza, não
pra copiar a natureza

NÃO, prostrado, pra copiar a natureza
mas a dança! pra dançar
lado a lado com ele —
afastado lá quase dormindo,
até o fim!

Uma música
suplanta sua compostura, nos chamando
de muito longe · ·

acorda a dança
quem insufla seus dedos dormentes!

Apenas o poema
apenas o poema feito, pra dizer o que deve
ser dito, não pra copiar a natureza, fica preso
na garganta

A lei? A lei não nos dá nada
só um corpo morto, embalado num saco sujo.
A lei se baseia no assassinato e no confinamento,
muito atrasado,
mas isto, seguir a música insensata,
se baseia na dança:

uma agonia da autorrealização
voltada pra dentro de um buraco
por aquilo que nos rodeia

Não posso escapar
Não posso vomitar isso pra fora

Só o poema!

Só o poema feito, o verbo chama por ele
ao início.

— isso parece tão pequeno para um homem.
Uma mulher. Ou um velho já muito enrugado.
Talvez morto. Eles provavelmente inspecionam o lugar
e vão carregá-lo pra fora depois

Desová-lo num rio.

Uma boa coisa.

Deixar a Califórnia pra voltar pro oeste, o deserto fértil,
(era pra ter água)
nos rodeou, a música da sobrevivência, vencida, distante, meio
ouvida; estávamos engolidos
por ela como no iniciozinho da noite, vendo o vento levantar
e carregar a areia, nós
passamos por Yuma. A noite toda, a caminho de El Paso para
encontrar nossos amigos,
dormíamos eventualmente. Pensando em Paris, acordei com os trilhos
dos trens. O
deserto de dentes

— pra dizer
o que eu vi na sequência e o que ouvi

— pra me colocar (na
minha natureza) ao lado da natureza

— pra imitar
a natureza (pois copiar a natureza seria uma
vergonha)

Eu me deitei:

O Old Market é um bom lugar pra começar:
Vamos cortar por aqui—

a tequila é só
cinco centavos a dose nessas vielas.
Fique longe. Ah, tudo bem a
esta hora do dia, mas eu vi H. ser terrivelmente
espancado numa daquelas baiucas. Ele
pediu por isso. Pensei que ele ia
acabar morrendo. Eu
bebo na avenida principal .

Essa é a praça dos touros
Ah, disse Floss, depois que ela se acostumou com a
mudança de luz.

Que cor! Não é
Maravilhoso!?

— flores de papel (*para los santos*)
tigelas de argila vermelha cozida, tingidos
de azul, talheres,
pimentas secas, cebolas, objetos pintados, roupas
de criança . o lugar todo deserto tirando
alguns Índios sentados nas
barracas, despercebidos (você não acha)
como se estivessem dormindo lá .

Tem um segundo andar. Você
quer subir lá?

O que torna os texanos tão altos?
Vimos uma mulher esta manhã com uma capa de visom
um metro e oitenta se não for mais. Que mulher!

Provavelmente uma figura da Broadway.

— digo mais o que vimos: mais ou menos um milhão
de pardais gritando sem parar
nas árvores daquele parquinho onde
os ônibus param, uma proteção,
eu acho,

do vento levantando a areia daquele jeito
sobre a cidade .

Chuva do Texas eles chamam

— e aqueles dois jacarés na fonte

Eram quatro

eu só vi dois

Eles ficavam olhando
direto pra você o tempo todo .

Um trocado, por favor! Senhor, me dá um trocado por favor.

Não dê nada pra eles.

. institivamente
um já desenhou o outro nu
as mãos longe daqueles dedos obscenos
como na cabeça uma vaga apreensão fala
e a música desperta .

Vamos entrar lá.
uma música! termina quando
o bar fecha as portas atrás de nós.

Temos ainda
mais meia hora.

— de volta na rua,
a pressão se move de barraca em barraca ao longo
da calçada. Do outro lado, não menos insistente
as melhores lojas estão abertas. Entre
e dê uma olhada. Não precisa comprar: chapéus,
botas, cobertores .

Olha ali,
pendurado no pescoço com um xale, aquela moça
Índia carrega seu bebê!

—um rio de espanhol,
enquanto ela passa, intensa, abertos
os olhos ansiosos pra falar com seu jovem marido

—três meninas meio-crescidas, uma delas comendo uma
romã. Rindo.

e o turista sério,

marido e mulher, meia-idade, meio-oeste,
seus braços carregados de pilhagem, sussurrando
juntos—ainda procurando pechinchas .

e o doce
vermelho e verde de anilina na pequena barraca
guardada pela velha Índia.

Você acha que alguém realmente
compra—e come aquelas coisas?

Meus pés estão começando a doer.

Ainda temos alguns minutos.
Vamos tentar aqui. Eles **tinham** o prefeito
no mês passado tirando \$3.000 por semana dos
bordéis da cidade. Não sobrou muito
para as meninas. Tem um show acontecendo.

Só algumas mesas
ocupadas. Uma orquestra tradicional—esse
lugar se anima mais tarde—tocando pra nós o ding-ding
local de costume—um grupo de meninos e meninas, ela
troca olhares com alguém
fora do palco. Rindo: só terminando a apresentação.

Então bebemos até a próxima rodada—um strip tease.

Isso mesmo? Uau! Olha ela.

Você tinha que estar
muito bêbado pra ser chutado pra fora dali.
Ela não é mexicana. Alguma lutadora cansada dos
Estados Unidos. Olha pra esses peitos .

É uma fascinação
vê-la balançar
as lantejoulas da
fita nos quadris

Ela gira, mas não é
o que você pensa,
ninguém ri
olhando seu ventre.

É tocante, mas não
o show tedioso. O
o violonista boceja. Ela
não consegue nem cantar. Ela

tem sobre sua dureza

pintada uma tela
de bonitas pombas que
batem as asas.

Seus olhos frios perfunc-
toriamente **gemem** mas não
sorriem. Embora biquem
e grulhem graças a
um certo candor. Ela

é forte naqueles pés.
Isso é bom. Ela
se curva pra frente
na mesa de um
careca sentado
reto, sozinho, pra que
tudo se dobre a-
diante.

Por que diabos
você está sorrindo
pra si mesmo? Não
pra *ela*?

A música!
Eu gosto dela. Ela se encaixa

a música .

Por que esses Índios não superam esse nauseante
tagarelar sobre suas almas e amores e cantam
alguma coisa por mudança?

O lugar é meio brega
com isso. Ela
ao menos sabe que é
parte de outra melodia,
conhece os seus clientes,
tem a mesma
opinião deles como eu
tenho. Isso dá a ela um
a mais . um a mais
além da mentirosa
música .

Tem uma outra música. O doce brilhante
de sua nudez a **levanta** inesperadamente
para ser parte de sua melodia .

a virgem de sua mente .
verdes e vermelhos

Andromeda de seus rochedos,
aqueles sobrenaturais

ela se torna inexplicavelmente virtuosa .
na sua zombaria de virtude
de jeito nenhum fingindo .
embora ela não estivesse

Vamos sair daqui.

Na rua isso
me bateu na cara quando andamos de novo. Ou
eu estou só bancando o poeta? Meramente eu invento
isso do nada? Eu pensei .

O que, na forma duma prostituta, em
uma baiuca mexicana em Juárez, sua nudez
pode mexendo loucamente pode ser
tão novo pra mim, elevar no meu ouvido
melodia tão doce, erguida de tal **limo**?

Aqui estamos. Eles chegarão a qualquer minuto.
O bar fica à direita da entrada,
poucas mesas opostas que você tem que passar
para chegar à sala de jantar, depois.

Dois casais, dois americanos enormes, não
muitos jovens, em pé vestidos de vaqueiros,
chapéus e tudo, bêbados e carregando
suas garotas, bêbadas também,

uma especialmente incitando seu namorado, o
maior, *Hip ih!* a dançar num
espaço estreito, alheio a tudo
—ela é insaciável e ele está tentando

tropeçando pra acompanhá-la.
Dá aqui a arma, compadre! *Hip ih!* A
gente se espremia na nossa mesa, sete
de nós. Sentados em volta do salão

tinha famílias tranquilas, algumas com
filhos, comendo. Até uma classe
pouco melhor do que você nota
nas ruas. Então aqui estamos nós. Vocês

podem ver lá atrás na cozinha
onde um dos cozinheiros, mangas de camisa
enroladas, um avental por cima
as calças bem passadas de um terno

comum com cabelo bem repartido,
um homem

alto, de boa aparência, está trabalhando
concentrado, diante de uma bancada

Old fashioned por todos os lados?

Esse é William
Carlos Williams, o poeta .

Eu e Floss tínhamos comido metade
da nossa salada de acelga antes
de notar que os outros nem tocaram nas deles.
Você parece bastante normal. Você pode me dizer? Por que
alguém quer escrever um poema?

Porque ele está lá pra ser escrito.

Ah. Uma questão de inspiração então?

De necessidade.

Ah. Mas o que causa isso?

Eu sou aquele cujo cérebro
está espalhado
sem rumo

—e então,

a hora passou, comemos a codorna, estávamos
no caminho de volta para El Paso.

Boa noite. Boa
noite e obrigado . Não, obrigado você. Nós
íamos falar .

—e então, na mão nua, sentimos novamente
aqueles dedos insistentes .

Um trocado por favor, senhor.
Um trocado por favor. Me dá um trocado.
Aqui! Agora vai embora.

—mas a música, a música reacordou
enquanto saímos das partes mais movimentadas da rua
e voltamos para a ponte na semiescuridão,
pagamos a taxa e começamos a cruzar de novo .
vendo as luzes ao longo da montanha atrás de El
Paso e paramos pra assistir os meninos gritando
pra jogarmos mais moedas pra eles que estavam
na beirada da água . então é
aí que recai o incentivo, com o aborrecimento

daqueles dedos inesperados.

Então você é um poeta?
uma coisa boa pra se ver livre—meio bêbado,
um jantar de graça na barriga, mesmo que você
pegue febre tifóide—e ter conhecido pessoas com que você
pode pelo menos conversar.

alívio daquela invariável, sem fim
inescapável e insistente música .

O que mais, latinos, vocês mesmos
buscam além de alívio!
com o ding-dong sem expressão que vocês nos
servem de suas almas e amores, que
engolimos. Espanhóis! (embora sejam na maioria
Índios que perseguem os bastardos brancos
pelas ruas no seu Dia da Independência
e tentem matá-los) .

O que é isso?

Ah, vamos lá.

Mas o que é ISSO?

a música! a
musica! como quando Pau Casals tocou
e susteve um tom profundo do violoncelo
e eu estou sem palavras .

Aquilo se sentava lá

no ângulo que se projetava da borda da ponte
enquanto eu ficava em choque e olhava pra aquilo—
à meia-luz: disforme ou antes novamente
à sua forma original, sem braços, sem pernas,
sem cabeça, embalado como o caroço de uma fruta dentro
daquele canto obscuro — ou
um peixe a nadar contra a corrente — ou
uma criança no útero preparada pra imitar a vida,
protegendo sua vida contra
um nascimento de promessa terrível. A música
o guarda, um muco, uma película que o envolve,
uma tinta entorpecente que mancha o
mar de nossas mentes — pra nos segurar — oficina
de um corpo o mais próximo que pode chegar a corpo nenhum,
uma música! uma música protetora

Eu *sou* um poeta! eu
sou. Eu sou. Eu sou um poeta, eu reafirmei, envergonhado

Agora a música esvoaça quando num
momento solitário eu a ouço. Agora é tudo
sobre mim. A dança! O verbo se separa
procurando se tornar articulado .

E eu não pude deixar de pensar
nas maravilhas do cérebro que
ouve essa música e da nossa
capacidade às vezes de registrá-la.